

III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2011.

A questão da reflexão e da ação nas práticas psicoeducativas na pesquisa interventiva.

Walckoff, Simone y Szymaski, Heloisa.

Cita:

Walckoff, Simone y Szymaski, Heloisa (2011). *A questão da reflexão e da ação nas práticas psicoeducativas na pesquisa intervventiva. III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-052/665>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eRwr/BVo>

A QUESTÃO DA REFLEXÃO E DA AÇÃO NAS PRÁTICAS PSICOEDUCATIVAS NA PESQUISA INTERVENTIVA

Walckoff, Simone; Szymaski, Heloisa

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Brasil

RESUMEN

O presente estudo investigou três práticas psicoeducativas, elaboradas e utilizadas em pesquisas interventivas, realizadas em uma mesma comunidade pelo Grupo de Pesquisa em Práticas Educativas e Atenção Psicoeducacional à Família, Escola e Comunidade (ECOFAM), do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação da PUC/SP. Realizaram-se leituras dos relatos dos procedimentos utilizados durante o período de 2004 a 2006, buscando compreender como as práticas se apresentavam e quais as consequências da sua aplicação para os que dela participaram, tendo como pano de fundo a interrogação a respeito da possibilidade de convocação para a ação à luz do pensamento de Hannah Arendt. A análise dos relatos e as reflexões trazidas por Hannah Arendt sugerem a necessidade de uma relativização do pensamento, concernente ao fim último das intervenções realizadas na comunidade, qual seja a ação, compreendida, segundo Arendt, como a iniciação de um novo movimento.

Palabras clave

Ação Reflexão Pesquisa Interventiva

ABSTRACT

THE QUESTION OF REFLECTION AND ACTION RESEARCH IN INTERVENTIONAL PRACTICE PSYCHOEDUCATIONAL

This study investigated three psychoeducational practices which were developed and utilised in an interventionist research work conducted in a community by PUC-SP's ECOFAM (Research Team in Educational Practice and Psychoeducational Attention to Families, Schools and Communities, Postgraduate Programme in Educational Psychology, Catholic University of São Paulo). The author carried out an analysis of the procedures adopted between 2004 and 2006. Her aim was to understand how the psychoeducational practices were put into effect and what contributions they made to their participants. This was done in the light of their ability to prompt action, as seen in terms of Hannah Arendt's work. The analysis was based on hermeneutics and on the ideas proposed by Arendt. It suggests that there is a need to relativise thought in what concerns the aim of an intervention in a community, this aim being, according to Arendt, the beginning of a new movement.

Key words

Action Reflection Research Intervention

Apresentaremos um estudo feito pelo Grupo de Pesquisa em Práticas Educativas e Atenção Psicoeducacional à Família, Escola e Comunidade (ECOFAM), ligado ao programa de Pós Graduação da Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP, a respeito das práticas psicoeducativas desenvolvidas e utilizadas pelo grupo, durante dezesseis anos de pesquisas interventivas em uma comunidade da periferia de São Paulo (CALIL, 2009). Tal estudo foi motivado pelo questionamento sobre as condições que as práticas psicoeducativas ofereciam para possibilitar mudanças naqueles que dela participavam, tendo como objetivo principal a análise das práticas desenvolvidas e sua implicação com a ação das pessoas que delas participavam. A autora que iluminou essa investigação foi Hannah Arendt.

O caráter interventivo dos estudos realizados pelo grupo ECOFAM (2004) na referida comunidade pressupõe dois pontos fundamentais. Em primeiro lugar, a compreensão de que não existe neutralidade em nenhum momento da investigação. Em segundo, conforme Szymanski e Cury (2004), a compreensão de que outro ponto fundante da pesquisa interventiva é o ato de oferecer serviços psicoeducativos, no caso do grupo ECOFAM (2004), constituídos a partir da demanda da população envolvida. Desse modo:

Por se tratar de demanda do grupo, a intervenção tem, para este, na maior parte das vezes, o sentido de prestação de serviço em psicologia. O sentido de investigação científica se constitui quando o trabalho é oferecido por pesquisadores engajados em projetos de uma instituição de pesquisa (SZYMANSKI; CURY, 2004, p. 11).

Os procedimentos de pesquisa utilizados pelo grupo ECOFAM ao buscarem responder às demandas desveladas na relação estabelecida entre o grupo de pesquisa e as pessoas da comunidade, mostraram-se como práticas psicoeducativas. São elas: a Entrevista Reflexiva, os Encontros Reflexivos e o Plantão Psicoeducativo. As práticas têm como eixo a reflexão, proporcionada por meio do diálogo. Reflexão aqui entendida em suas três dimensões apresentadas em sua epistemologia: "espelhar, revelar, pensar" (CUNHA, 1986, p. 670).

O estudo realizado a respeito das práticas psicoeducativas teve como base de investigação os relatos das práticas psicoeducativas, contidos nas teses, dissertações e relatórios de pesquisa, realizados pelo grupo ECOFAM na comunidade, nos anos de 2004 a 2006. A análise dos relatos das práticas apontam para uma questão crucial nesta pesquisa referente aos limites da reflexão.

Segundo Arendt, na experiência do pensamento, podemos especular sobre uma infinidade de possibilidades, ampliar compreensões, rever posicionamentos. Para isso, o pensamento trabalha com coisas-pensamento, trazendo para o presente objetos ausentes por meio da imaginação. Segundo Arendt (2001b, p. 252), a imaginação

[...] nos torna capazes de ver as coisas segundo a sua perspectiva própria, de sermos suficientemente fortes para termos aquilo que está demasiado perto a certa distância, de maneira a podermos vê-lo sem distorções nem preconceitos, de sermos generosos quanto baste para transformos os abismos da separação até podermos ver e compreender as coisas que se encontram demasiado longe de nós como se fossem caso nosso.

Assim, em uma “lacuna entre o passado e o futuro” (ARENNDT, 2002, p. 158) o pensamento pode, com certo conforto, refletir sobre o que passou e levantar especulações acerca do futuro, por meio da imaginação. Assim, não há no momento de realização do pensamento exigências de uma volta imediata para a realidade. No caso do pensamento filosófico isso fica explícito. Entretanto, ainda que tenha sido uma urgência em voltar à vida que impulsionou o ato de pensar, como no caso da compreensão, quando está em atividade a compreensão é quietude, no sentido de contemplação.

Outro dado importante acerca do pensamento é que, quer seja como pensamento filosófico ou como compreensão, a reflexão não lida com a resistência apresentada pela realidade, pois as coisas-pensamento não possuem a textura da qual a realidade é constituída.

Já a Vontade, apesar de ser uma atividade do espírito, tendo como princípio para que ocorra o abandono da realidade, anseia em se realizar, em voltar para a realidade e se expressar por meio da ação.

Essa diferença de disposição entre Pensamento e Vontade aparece de vários modos. Um deles diz respeito ao fenômeno de duplicação que ocorre durante a realização de todas as atividades do espírito, explicitado por Arendt (2002, p. 137) da seguinte forma:

Chamamos de consciência (literalmente, ‘conhecer comigo mesmo’) o fato curioso de que, em certo sentido, eu também sou para mim mesmo, embora quase não apareça para mim [...] eu não sou apenas para os outros, mas também para mim mesmo; e nesse último caso, claramente eu não sou apenas um. Uma diferença se instala na minha Unicidade.

Desse modo, a autora demarca que, apesar do alheamento do mundo e do distanciamento dos outros, a pluralidade se mantém nas atividades do espírito, sendo o homem essencialmente no plural (ARENNDT, 2002). Ou seja, mesmo quando não está entre homens, mesmo quando está a sós consigo mesmo, há um outro (si mesmo) presente.

No caso específico do pensamento, Arendt compara a dualidade do eu comigo mesmo com o diálogo com um amigo e, podemos dizer que, como todo diálogo com um amigo, esse pode ser estendido por longos períodos. Tratando-se da Vontade, ocorre o contrário, há um

embate entre o dois-em-um, pois, sempre quando se apresenta um querer, automaticamente, apresenta-se também o seu oposto, o não-querer. Esse conflito só será resolvido na ação. “Em outras palavras, a Vontade é redimida, cessando de querer e começando a agir, e a interrupção não pode se originar de um ato de querer-não-querer, pois isso já seria uma nova volição” (2002, p. 261).

Além disso, imediatamente a um querer se apresentam também o medo e a esperança de que esse querer se realize ou não, trazidos à tona não só pelo quero e não quero, como também pelo quero e posso/não posso. Novamente aqui a vontade aparece como conflito e não como diálogo e quietude, como no caso do pensamento. Como lembra Arendt (2002, p. 214), a vontade: [...] anseia por seu próprio fim, o momento em que o querer algo terá se transformado em fazê-lo. Em outras palavras, o humor habitual do ego volutivo é a impaciência, a inquietude e a preocupação (Sorge), não somente porque a alma reage ao futuro com esperança e medo, mas também porque o projeto da vontade pressupõe um ‘eu-posso’ que não está absolutamente garantido. A inquietação da vontade só pode ser apaziguada com um ‘eu-quero-e-faço’.

Como projeção para o futuro, o querer se apresenta como o “querer o próprio eu”. Arendt retoma Heidegger para expressar essa idéia. Ainda segundo a autora: A auto-observação e o auto-exame nunca trazem à luz o eu ou mostram como nós mesmos somos. Mas, ao querer e também ao não-querer, fazemos exatamente isso; aparecemos em uma luz que é em si iluminada por um ato de vontade. (ARENNDT, 2001a, p. 318).

É justamente no fato de ser uma atividade projetada para o futuro que reside o caráter inovador e poderoso da vontade. É nele que a vontade estabelece seu vínculo estreito com a liberdade e com sua explicitação por meio da ação. É por meio do lançar-se para um futuro incerto e querer realizar um eu, independentemente das configurações anteriores o que faz da “vontade a fonte da ação”. É por meio da vontade que se abre a possibilidade da iniciação de algo novo.

Isso porque é próprio do pensamento partir sempre do que passou, “pensar é sempre re-pensar”, não conseguindo assim descolar-se da realidade para propor algo novo, que seja capaz de ser “indiferente” ao passado e à realidade, para que, “indiferente” às possibilidades restritivas anteriores, se lance para o futuro. Conforme a autora, a atividade capaz de tal atrevimento diante da história e do presente é a Vontade. “A vontade, ao que parece, tem uma liberdade infinitamente maior do que o pensamento, que mesmo em sua forma mais livre, mais especulativa, não pode escapar ao princípio da não contradição” (ARENNDT, 2002, p. 190). Absolutamente dirigida para o futuro, a Vontade direciona para ele suas ambições, desvincilhando-o desse modo de suas determinações.

Assim, o querer está associado à identidade, ao eu que quer se realizar no futuro, independentemente da história. Esse poder, porém, de abertura da vontade só apa-

rece diante de uma crença em poder se realizar. Ou seja, o eu que quer também aparece como aquele que pode ou não realizar esse querer. Retomando a citação feita anteriormente, foi mencionado que “o projeto da vontade pressupõe um ‘eu-posso’” (ARENDT, 2002, p. 214). Ou seja: “[...] o fato de a vontade ser livre e de não ser determinada ou limitada por qualquer objeto dado, exterior ou interiormente, não significa que o homem como homem goze de liberdade ilimitada” (ARENDT, 2002, p. 291).

Arendt (2000, p. 208) lembra ainda que “[...] Somente quando o quero e o posso coincidem a liberdade se consuma”. Assim, a questão do poder é fundamental para que a vontade se dirija para a ação. Isso porque “O poder da vontade reside em sua decisão soberana de interessar-se somente pelas coisas que estão em poder do homem; [...] Logo, a primeira decisão da vontade é não querer o que não pode obter” (ARENDT, 2002, p. 244).

Nesse sentido, tendo em vista que a vontade é compreendida por Arendt (2002, p. 260) como “a fonte da ação” e que o querer se realizar implica a confiança desse poder, a falta de ação pode estar vinculada à falta de poder, segundo a leitura realizada por Arendt (2002) sobre Santo Agostinho. A Vontade está, portanto, inteiramente vinculada à questão da liberdade e esta vinculada à questão do poder.

Assim como a vontade, o Juízo, a “habilidade de distinguir o certo do errado, o belo do feio”, também se apresenta como uma atividade do espírito que, apesar da retirada do mundo, tem pressa de voltar a ele. Segundo Arendt (2002): A faculdade de julgar particulares (tal como foi revelada em Kant), a habilidade de dizer “isso é errado”, “isto é belo”, e por aí afora, não é igual à faculdade de pensar. O pensamento lida com coisas invisíveis, com representações de coisas que estão ausentes. Já o Juízo: “[...] sempre se ocupa com particulares e coisas que estão ao alcance das mãos. [...] E isso, nos raros momentos em que as cartas estão postas sobre a mesa, pode sem dúvida prevenir catástrofes, ao menos para o eu” (ARENDT, 2002, p. 145). Como a compreensão, o Juízo também se retira para assistir ao jogo da vida, mas, nesse caso, com o intuito de se afastar para julgá-la, ocupado com a questão da ética e, portanto, com a política.

Assim, após essas observações, podemos dizer que, ao olhar para a atividade do espírito, temos diante de nós três atividades autônomas. Segundo a autora, é fato que é o pensamento quem desensorializa os objetos, constituindo as coisas-pensamento, trazendo-as por meio da imaginação. Essas serão utilizadas tanto pelo pensamento, como pela vontade e pelo juízo.

Desse modo, o pensamento prepara o objeto para as demais atividades do espírito, mas esses não são modos diferentes de o pensamento se apresentar ou governadas por ele. Além disso, podemos constatar que das três atividades, aquela que se distancia mais radicalmente do jogo da vida é justamente o pensamento. Recorrendo a Arendt (2002, p. 71), novamente:

Estive falando sobre as características especiais do

pensamento que podem ser atribuídas ao radicalismo de sua retirada do mundo. Em contrapartida, nem a vontade, nem o juízo, embora dependentes da reflexão preliminar que o pensamento faz sobre os objetos, ficam presos a essa reflexão; seus objetos são particulares [...], têm seu lar estabelecido no mundo das aparências, do qual o espírito volitivo ou judicante se retira apenas temporariamente e com a intenção de uma volta posterior.

No entanto, ao longo da história dificilmente houve a compreensão da autonomia dessas atividades do espírito. De modo geral, elas foram pensadas como derivadas do pensamento. Além disso, o pensamento era visto como hierarquicamente superior às demais atividades do espírito, tendo-as sob seu comando.

Além disso, o pensamento comandaria não só a Vida Contemplativa, mas também a Vida Ativa. Tal fato se pauta na crença de que a Vida Ativa seria hierarquicamente inferior à Vida Contemplativa (ARENDT, 2001, p. 24).

O esboço das reflexões de Arendt a respeito das atividades humanas desvela a importância dessas para a vida humana, não reconhecendo assim uma escala hierárquica entre elas. No que se refere ao pensar, a autora lembra que isso não significa

[...] contestar ou até mesmo discutir o conceito tradicional de verdade como revelação e, portanto, como algo essencialmente dado ao homem, ou que prefira a assertão pragmática da era moderna de que o homem só pode conhecer o que ele mesmo faz. [...] o uso que dou à expressão *vita activa* pressupõe que a preocupação subjacente a todas as atividades não é a mesma preocupação da vida contemplativa, como não lhe é superior nem inferior. (ARENDT, 2001, p. 26).

Retomaremos agora a segunda constelação da qual tratávamos antes desse parêntese para pontuações teóricas, “os limites da reflexão”.

As práticas abordadas nessa constelação evidenciam um estreito vínculo entre o fenômeno da ação e a reflexão como compreensão (entendida por Arendt como o pensamento implicado com a vida vivida e a volta a ela). A compreensão acompanha todo o processo da ação, como iniciação de algo novo, é sua “outra face” (ARENDT, 2001b, p. 251), permite o retorno ao mundo. No entanto, em meio a todos os relatos apresentados, há demonstrações de que existem sempre várias peças no jogo. Algumas, como no caso da vontade e do juízo, diretamente vinculadas ao comando das ações, ou à sua paralisação.

Outras apareceram como propulsoras de novos movimentos, como no caso do poder e da pluralidade. Desse modo, podemos perceber que o poder da compreensão, apesar de fundamental, é também limitado. Limitado pela sua própria natureza como atividade do espírito e limitado pelo espaço ocupado pelas demais peças envolvidas no jogo. Sem dúvida, temos na reflexão a matéria-prima para o trabalho em psicologia da educação. Entretanto, é importante que estejamos abertos e sensíveis às outras questões que aparecem. Lembrando

que o homem é aquele que comprehende, que quer, que julga, que age, que trabalha, que cuida da sobrevivência, enfim, que está esparramado em todas essas atividades e cercado de determinadas condições.

Não há aqui, de forma alguma, uma desqualificação da reflexão, apenas a preocupação em não colocá-la em um papel onipotente ou, até mesmo, determinista. Tal postura pode propiciar que possamos trilhar caminhos mais criativos diante da exigência de cada caso sobre o qual nos inclinamos.

Assim, o primeiro e mais importante apontamento desvelado na pesquisa abordada diz respeito à necessidade de uma relativização da reflexão, concernente ao fim último das intervenções realizadas na comunidade, qual seja a ação, a iniciação de um novo movimento.

A pesquisa nos convidou para um descongelamento da crença na reflexão como peça decisiva para impulsivar ações e para a explicitação de que “[...] o ego pensante não é o eu”. O eu é aquele que quer, que pensa, que julga, que trabalha, que labora e que age, não podendo assim o processo identitário estar “ancorado no pensamento” (ARENDT, 2002, p. 34).

Há vários aspectos vinculados à questão da ação, para além da reflexão. A compreensão está presente, assim como a vontade, o juízo, o poder, a pluralidade, os condicionamentos, entre outros. Diante de tais questões, devemos estar atentos ao cuidado com essas diversas demandas trazidas pelo fenômeno da ação.

Os trabalhos que estão sendo realizados pelo grupo ECOFAM, no momento, caminham no sentido desse cuidado. O esforço de nosso trabalho direciona-se agora para que nós compreendamos que exigências o caso nos faz e para onde temos que nos voltar, não sendo necessariamente para a reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arendt, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2000.

Arendt, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a.

Arendt, Hannah. Compreensão e política e outros ensaios. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2001b.

Arendt, Hannah. A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar. 5. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Calil, Simone Dalla Barba Walckoff. A experiência de mulheres de uma comunidade de baixa renda em uma cooperativa de costura e suas implicações com o processo identitário. 2004. Dissertação (Mestrado) - PUC, São Paulo.

Calil, Simone Dalla Barba Walckoff. A questão da reflexão e da ação nas práticas psicoeducativas na pesquisa intervenciva, 2009. Tese (Doutorado) - PUC, São Paulo.

Camasmie, Ana Tereza. Narrativas de histórias pessoais: um caminho de compreensão de si mesmo à luz do pensamento de Hannah Arendt. 2007. Dissertação (Mestrado) - PUC, São Paulo.

Cunha, Antonio Geraldo. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 1986.

Cunha, Dênio. Tempo de ensinar e tempo de aprender: a tempo-

ralidade e professores de uma Escola Pública. 2005. Dissertação (Mestrado) - PUC, São Paulo.

ECOFAM. Relatório dos encontros de pais realizados em 2004 - 2005. São Paulo, PUC, 2004.

Freire, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

Fuser, Carlos. Os sentidos das atividades realizadas pelos alunos nas aulas de Arte: um estudo fenomenológico em uma escola da periferia de São Paulo. 2005. Dissertação (Mestrado) - PUC, São Paulo.

Hermann, N. Hermenêutica e educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Melo, Fabíola Freire. Plantão psicoeducativo espaço de reflexão e mudança oferecido as famílias de uma comunidade de baixa renda. 2004. Dissertação (Mestrado) - PUC, São Paulo.

Morato, Henriette Tognetti Penha; Andrade, Ângela Nobre de Andrade. Para uma dimensão ética da prática psicológica em instituições. Estudos de Psicologia, n. 9 (2), p. 345-353, 2004.

Sanches, Regina Suini. Plantão psicoeducativo para jovens em uma periferia da cidade de São Paulo: uma experiência provocadora de uma reflexão sobre práticas educativas. 2006. Dissertação (Mestrado) - PUC, São Paulo.

Szymanski, H. (Org.). A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2002.

Szymanski, H. A prática reflexiva em pesquisa com famílias de baixa renda. II Seminário de Pesquisas e Estudos Qualitativos. SEPQ, Bauru, p. 34, São Paulo, 2004a.

Szymanski, H. Plantão psicoeducativo: novas perspectivas para a prática e pesquisa em psicologia da educação. Psic. da Ed., São Paulo, v. 19, n. 2, p.169-182, 2004b.

Szymanski, H. ; Cury, Vera Engler. A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. Estud. Psicol., Natal, v. 9, n. 2, p. 355-364, ago. 2004. Disponível em: xt&pid=S1413294X2004000200018&lng=pt&nrm=iso. ISSN 1413-294X>.

Tinti, Rafael Ogalla. “Morreu com as mãos sujas de graxa”: um olhar fenomenológico-existencial para a morte na prática do plantão psicoeducativo. 2006. Dissertação (Mestrado) - PUC, São Paulo.

Vianna, Fernanda Camargo. Histórias da periferia: A maconha no mundo de jovens estudantes de uma escola pública de São Paulo - uma análise fenomenológica. 2006. Dissertação (Mestrado) - PUC, São Paulo.